





O lugar e seus processos por entre tempos e espaços - uma reflexão sobre uma possível des-lugarização e re- lugarização

Jefferson Henrique Cidreira¹  

Maria de Jesus Morais²  

Destaques

- Trajetória de vida de um migrante paranaense ao Norte do Brasil, nos anos 1970.
- Processos e análises sobre o ente humano e o desenvolvimento de conceituações no campo geográfico.
- Tempo, espaço, relações afetivas com o ambiente e com o outro: a des-lugarização e re-lugarização.

Resumo: O presente artigo busca analisar e conceituar relações e/ou acontecimentos nas constituições e inserções dos/nos lugares, numa acepção fenomenológica, a partir das interlocuções com os estudos de Martin Heidegger (1889-1976), Gilles Deleuze (1925-1995), Yi-Fu Tuan (1930-2022), Haesbaert (1958) e o trajeto de vida de um migrante paranaense ao Norte do Brasil, para, assim, desaguarmos no processo de re-lugarização e des-lugarização. Recentemente, refletindo sobre alguns acontecimentos na trajetória humana, como diásporas, ou simples mudanças de local, de perdas, de traumas, uma questão nos sobressaiu. Será que há espécies de episódios, processos de des-re-lugarização perante a esses acontecimentos? Nesse pensamento, é possível haver uma conexão afetiva do ser com um novo espaço? Mediante a essas perguntas e/ou reflexões, analisamos trânsitos, fluxos e experiências particulares, pessoas que passaram por perdas, mudanças, fazendo com que emergissem discursos, pistas, respostas e aberturas para um possível processo de des-re-lugarização do lugar fenomenológico, sua transmutação e/ou aparição dentro da ciência geográfica, através das interlocuções entre a geografia, filosofia e história.

Palavras-chave: Des-re-lugarização; Espaço vivido; Fenomenologia.

¹ Pós-doutorando, Universidade Federal do Acre - UFAC

² Docente, Universidade Federal do Acre - UFAC



THE PLACE AND ITS PROCESSES BETWEEN TIMES AND SPACES - A REFLECTION ON A POSSIBLE DIS-PLACEMENT AND RE-PLACEMENT

Abstract: This article seeks to analyze and conceptualize relationships and/or events in the constitutions and insertions of/in places, in a phenomenological sense based on dialogues with the philosophy of Martin Heidegger (1889-1976), Eric Dardel (1899-1967), by Yi-Fu Tuan (1930-2022), Gilles Deleuze (1925-1995), Haesbaert (1958) and the life path of a migrant from Paraná to the North of Brazil, thus leading to the process of re-placement and dis-placement. Recently, reflecting on some events in the human trajectory, such as diasporas, or simple changes of location, losses, trauma, a question stood out to us: are there types of episodes, processes of dis-re-placement in the face of these events? With this in mind, is it possible to have an emotional connection between being and a new space? Through these questions and/or reflections, we analyze particular transits, flows and experiences, people who have gone through losses, changes, causing speeches, clues, answers and openings to emerge for a possible process of dis-re-placement the place phenomenological, its transmutation and/or appearance within geographic science, through the dialogues between geography, philosophy and history.

Keywords: Place; Dis-placement; Re-placement; Living space; Phenomenology.

EL LUGAR Y SUS PROCESOS ENTRE TIEMPOS Y ESPACIOS - UNA REFLEXIÓN SOBRE UN POSIBLE DESPLAZAMIENTO Y REEMPLAZO

Resumen: Este artículo busca analizar y conceptualizar relaciones y/o acontecimientos en las constituciones e inserciones de/en lugares, en un sentido fenomenológico a partir de diálogos con la filosofía de Martin Heidegger (1889-1976), Eric Dardel (1899-1967), de Yi-Fu Tuan (1930-2022), Gilles Deleuze (1925-1995), Haesbaert (1958) y el recorrido de vida de un migrante de Paraná hacia el Norte de Brasil, desembocando así en el proceso de reemplazo y desplazamiento. Recientemente, reflexionando sobre algunos acontecimientos de la trayectoria humana, como diásporas, o simples cambios de ubicación, pérdidas, traumas, nos surgió una pregunta: ¿existen tipos de episodios, procesos de reemplazo y desplazamiento frente a ¿estos eventos? Teniendo esto en cuenta, ¿es posible tener una conexión emocional entre el ser y un nuevo espacio? A través de estas preguntas y/o reflexiones analizamos tránsitos, flujos y experiencias particulares, de personas que han pasado por pérdidas, cambios, haciendo surgir discursos, pistas, respuestas y aperturas para un posible proceso de reemplazo y desplazamiento del lugar fenomenológico, su transmutación y/o aparición dentro de la ciencia geográfica, a través de los diálogos entre geografía, filosofía e historia.

Palabras clave: Lugar; Desplazamiento; Reemplazo; Espacio vital; Fenomenología.

INTRODUÇÃO - ENTRE PERCURSOS E VIVÊNCIAS

Estes escritos são motivados por mudanças, acontecimentos pessoais e experiências de pessoas próximas. Em diálogo com o existencialismo heideggeriano, não há como pensar o mundo como uno nas vivências, no cotidiano e nas experiências pelas quais as pessoas vivenciam, sejam individuais ou de grupos, pois cada ser é um mundo de possibilidades, que traz em si



significados impregnados dessa sua relação ser-no-mundo, um ser lançado ao espaço e tempo convivendo com essas instâncias e com o outro.

É exatamente no balanço, no chacoalho do carro, enquanto pessoas vêm adormecendo ao lado, ao som ambiente de um estilo musical conhecido ou denominado de “sofrência”³. As reclamações do motorista, que estava de ressaca em decorrência do fim de semana, prometendo que nunca mais iria beber, que os olhares vão percorrendo as paisagens circundantes, os horizontes de árvores cortadas por pastos amarelados repleto de bois, em sua maioria, de cor branca, para corte (venda para frigoríficos), coloridos pelos ipês, roxo e amarelo.

São essas viagens, esses percursos que permitem o conduzir dos pensamentos à reflexão que orientam, até o momento. Logo, a essas reações perante os coloridos espaciais, às paisagens que vêm ao encontro do ser, vice-versa, desencadeando significados numa poética do mundo vivido, das experiências que se debruçam neste lugar.

São nesses percursos e tramas da vida que foram delineando um norte. O que remete às experiências de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844–1900), filósofo nascido no império prussiano, atual Alemanha, famoso por fazer longas caminhadas e nelas refletir, criar. Isto é, nessas andanças, ele encontrava a melhor forma para refletir e/ou praticar a arte de filosofar.

Não obstante, resguardado qualquer tipo de comparação à sua grandiosidade, foram e são nos trajetos do interior à capital do estado do Acre, Rio Branco, nas horas de viagem, misturando tempo e espaço, ou melhor, as paisagens, os céus, ora chuva, ora sol, que foram transcendendo os pensamentos existenciais. Sobre escolhas, partidas, idas e vindas, morte, sobre o perder e, talvez, ganhar de sentimentos, o *amor fati*⁴ que faz com que o ente adquira

³ Segundo o dicionário on-line Infopédia de português, *sofrência* é uma música cuja letra e melodia exaltam o sentimento de alguém que sofre por amor, por uma desilusão ou decepção amorosa, por carência.

⁴ *Amor fati* é um pensamento Nietzscheano traduzido como amor ao destino. Isto é, a aceitação das coisas como elas vêm e/ou são nas vidas dos seres, destacado no livro de 1882, *A Gaia ciência*. "Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: - assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. Amor fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feito. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz sim! (Nietzsche, 2001, p. 187 – 188).



experiências para o presente, guiando-o ao futuro e, claro, ao tocante da categoria lugar, na Geografia humanística, do mundo vivido em diálogo com a fenomenologia.

Refletir sobre os acontecimentos do ente humano, seus dilemas, escolhas e consequências, neste percurso múltiplo que a vida se apresenta, faz com que surja o reflexionar sobre a própria experiência da mudança, da desterritorialização e reterritorialização, do luto, da morte, da existência etc. Somando-se a isso, e ao resgate de uma entrevista do livro *Discurso e resistência na Amazônia acreana (1971-1981)*, de autoria de Cidreira, (2016; 2018) à qual foi adotou-se à análise da trajetória de vida de um migrante brasileiro, o senhor Saint'Clair Cidreira, deslocando-se de Curitiba-Paraná, sua terra natal, a Rio Branco, capital do estado do Acre, nos anos 1970.

Antes de dar seguimento e/ou continuidade a esse evento, é salutar resgatar alguns conceitos pertinentes para elucidação do leitor, os dialogismos entre o outro e o eu, nessa *démarche* proposta a um presumível episódio ou processo de des-lugarização e re-lugarização, suas conceituações.

ELEMENTOS-CHAVE: DIÁLOGOS EM BUSCA DE UMA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL

O conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir. Os conceitos, neste sentido, pertencem de pleno direito à filosofia, porque é ela que os cria, e não cessa de criá-los. O conceito é evidentemente conhecimento, mas conhecimento de si, e o que ele conhece é o puro acontecimento, que não se confunde com o estado de coisas no qual se encarna. Destacar sempre um acontecimento das coisas e dos seres é a tarefa da filosofia quando cria conceitos, entidades. Erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível com o acontecimento... (Deleuze; Guatarri, 1992, p. 46).

Lugar, topofilia, topofobia

Parte-se, brevemente, das concepções heideggerianas do processo do ser-no-mundo, *ser-aí*, *ser-com* - com o mundo e com o outro - como sendo um relacional mundo e seres, algo além de uma relação simples entre dois entes, como dizer que a “água está dentro de um copo”, pois aqui configura-se ou institui



um *ser-estar* (lançado) em um espaço, em um local e na sua conexão com ele, na sua a-proximidade, cotidianidade que *dar-se* pelo habitar, um *ser-com-o* outro, o que para Heidegger (2015) quer dizer que, essa habitação tem a correlação intrínseca entre o *ser-em* que deriva-se de *innan-* morar, habitar, deter-se; “*na*” significa: estou acostumado a, habituado a, que possui o significado de colo, no sentido de habito e (amar) *diligo*.

O ente à qual pertence o *ser-em*, neste sentido, é o ente que eu mesmo sou. A expressão ‘sou’ conecta-se a ‘junto’; ‘eu sou’ diz por sua vez: eu moro, me é familiar. Como infinitivo de ‘eu sou’, isto é, como existencial, ser significa morar junto a, ser familiar com (Heidegger, 2015, p. 100).

É nesse sentido de morar que se revela um sujeito que age numa localidade, que tem uma experiência geográfica e a percepção desse *ser-aí* num ensaio com o real que o circunda e, daí, é impregnado pela natureza, o ambiente, pois é tocado por sua brisa suave, passa a “pintar”, ressignificar e/ou recriar o mundo enquanto *ser-aí*, existencial inserido no local, conforme elucidada Pickles, “a relação do homem com o mundo não é inicialmente e primordialmente uma relação cognitiva ou teórica, mas a do Dasein – do *ser-aí*” (Pickles, 1985, p. 128), e esse *Dasein* convida [o ser ser] a “dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana [...] em uma espécie de cumplicidade no ser” (Dardel, 2011, p. 6, grifo nosso) - entre o *ser-aí* e o espaço que o circunda.

Nessa acepção, Tuan (1965), por exemplo, reafirma o mundo como um campo que se estrutura numa relação do eu com o outro, o reino em que decorre a história de cada um, no qual encontram-se as coisas, os outros e a nós mesmos.

Marandola Junior (2012), a partir de interlocução com Heidegger, afirma que a noção de habitar é uma expressão do próprio *ser-e-estar-no-mundo*, constituindo-se enquanto fundamento do *ser-no-mundo*, envolvendo lugares, territórios e espaços de vida. Habitar é o próprio *Dasein*, implicando um conjunto fenomênico de elementos que são mediados pelas ações intencionais e do querer do homem. A existência é fundada num habitar, e esta marca, demarca e transforma o espaço (Marandola Junior, 2012, p. 86).



Logo, com base nessa definição, percebe-se a importância dos conceitos e ideias heideggerianos para uma pavimentação na caminhada do pensamento geográfico e, que, alicerçado nele, desenvolveram-se outras noções pertinentes e cruciais para a ontologia da geografia, coadunando com Marandola Junior (2012), tais quais, de igual relevância, para essa *démarche*. Conceitos de lugar, marcas afetivas, simbólicas etc.

De tal modo, tem-se uma reconfiguração ou recorte espacial, o lugar, como categoria. Para Relph (1979), através desse indivíduo lançado à localidade, o qual está em sintonia afetiva, emocional e intersubjetiva com os entes circundantes em seu tempo e local dado, cria um microcosmo, onde cada um de nós se relaciona com o ambiente, e o mundo se correlaciona conosco constituindo assim o *hâbitat* que vai se tornando o produto das relações humanas, entre homem e natureza, redigido por elos sociais que se realizam no “plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos [...] produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida” (Carlos, 2007, p. 22).

É justamente dessa categoria [lugar] que o ente ser pode tecer suas relações, experiências, suas pretensões enquanto é vivenciado por este, se transformando num “gerador de significados geográficos” (Holzer, 1997, p. 70).

Para embasar este constructo numa acepção originária ontológica pelo sujeito inserido enquanto habita este local e, nele possa ecoar seus ensaios e suas percepções dessa conexão íntima de cumplicidade, que Tuan explica e defende a categoria lugar: “ele não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado” (Tuan, 2013, p. 387).

Isto é, mediante uma localidade de ação e existência que encarna as experiências e aspirações das pessoas que nele vivem, ao contrário daquelas que o imaginam e o representaram ou representam como um ambiente apenas pensando e não vivido, nessa perspectiva fenomenológica de um ser-estar-com-agindo de veras no mundo. “O lugar experienciado é como aconchego que levamos dentro nós” (Oliveira, 2012, p. 15). O afeto, o pertencimento, a intimidade e



significação tornam-se o meu/teu lugar. O aconchego, o lar-doce-lar, onde acalentam-se os sonhos, o íntimo. Desse modo, o lugar é segurança, é lar, que se encontra entrelaçado em cada eu.

O pensador Tuan (2013, p. 11) acrescenta: “não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria”. A ligação de amor entre o indivíduo e o ambiente foi denominada por ele de Topofilia que, segundo Tuan (1980), é um elo entre a pessoa e o lugar ou ambiente. Já a topofobia, outro conceito cunhado pelo autor, e oposto à topofilia, sendo uma aversão ao lugar, um sentimento de medo e/ou rejeição a ele. Enfim, é o lar/lugar como centro de intensas experiências íntimas, transcendentais e, por vezes, inexplicáveis, como lembra o geógrafo Edward Relph (1976).

O lugar, como acrescenta Marandola Junior (2012), encontra-se nas rotinas, nos percursos e nas experiências, na memória, participando da construção da nossa identidade e afetividade, podendo assomar em várias escalas do vivido, seja em uma sala, quarto, praça, igreja, bar etc.

Desterritorialização e reterritorialização

Ainda nesses trajetos geográficos, apresenta-se outra inter-relação, outros conceitos, como o entendimento da desterritorialização, isto é, movimento pelo qual se abandona o território, “é a operação da linha de fuga”, e a reterritorialização, como o movimento de construção do território (Deleuze; Guattari, 1997, p. 224 *apud* Haesbaert, 2009, p.127).

Ora, nessa acepção deleuziana e guattariana, como destacam Enes e Bicalho (2023, p. 199, 2023), os agenciamentos têm como características os movimentos de desterritorialização/reterritorialização, os estados de coisas (agenciamentos maquínicos) e os enunciados (agenciamentos coletivos de enunciação). Os autores supracitados prosseguem destacando como o movimento de desterritorialização produz, como já dito anteriormente, linhas de fuga, que podem reterritorializar em outros planos. De outro lado, o movimento de reterritorialização, que é, para Haesbaert (2004), um processo no nível individual ou em pequenos grupos que se estabelecem socialmente,



economicamente, culturalmente em um território, compreende as maneiras como um agenciamento compõe um plano de expansão do território.

A desterritorialização é, assim como mencionado anteriormente, porém, agora nas próprias palavras de Deleuze e Guattari (1997, p. 224), “esse movimento pelo qual se abandona o território, é a operação da linha de fuga” e a reterritorialização é o movimento de construção do território; no primeiro movimento, os agenciamentos se desterritorializam e no segundo eles se reterritorializam como novos agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação (Deleuze; Guattari, 1997). Em entrevista, Deleuze esclarece:

[...] construímos um conceito de que gosto muito, o da desterritorialização. [...] Precisamos, às vezes, inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte (Deleuze *apud* Haesbaert, 2009, p. 99).

Deleuze e Guattari (1997) afirmam que a desterritorialização e a reterritorialização são processos indissociáveis. Se há um movimento de desterritorialização, ter-se-á, ainda, um movimento de reterritorialização. Esta última, em consonância com Haesbaert (2004).

Esse movimento concomitante de desterritorialização e reterritorialização está expresso no “primeiro teorema” da desterritorialização ou “proposição maquínica”, de acordo com Haesbaert (2004).

ACONTECIMENTOS, PROCESSOS E DIÁLOGOS PARA UMA POSSÍVEL DES-LUGARIZAÇÃO E RE-LUGARIZAÇÃO

Há uma linha muito tênue nessa chamada para essa reflexão, uma vez que há uma inter-relação e/ou diálogo com a topofilia, topofobia, desterritorialização, reterritorialização, e como assevera Relph, às experiências do lugar não são somente as boas, porém, utilizando-se de um aforismo que diz que uma interpretação está sempre aberta a uma reinterpretação à procura de novas explicações ou que surjam novos esclarecimentos. Logo, é salutar debruçar-se sobre esse pensamento, porque “[...] o mundo-vivido não é absolutamente óbvio,



e os seus significados não se apresentam por si mesmos, mas têm de ser descobertos, como discorre Relph (1976). A dificuldade é “como fazer isso sem destruir a riqueza e a complexidade dos significados” (Relph, 1976, p. 4).

Além da afirmação anterior, é importante destacar que se deve colocar cada um como observador, ou seja, nos prismas dessas experiências, correlações, vivências com o espaço circundante e o outro para uma compreensão do mundo vivido, dos fenômenos que rodeiam, espreitam e tomam o ser.

Tal assertiva vem à tona quando se relembra os trajetos do senhor Saint’Clair Cidreira, migrante do Sul do país ao Norte. Natural de Curitiba-PR, chegou ao Acre, por vias terrestres, em 1972, junto a seus pais e dois irmãos, quando tinha apenas 14 anos, fixando moradia em Rio Branco-AC⁵.

À época, nas Amazônias, em destaque aqui, a Amazônia acriana, havia um movimento de pecuarização no Estado do Acre, isto é, a substituição da economia da árvore-de-leite (a seringueira) pela implantação da criação de bovinos.

Havia uma política forte de integração do governo militar, “integrar para não entregar”, além do incentivo do governo local com fortes propagandas no Sul do país a fim de atrair grandes empresários, fazendeiros à região.

No governo Vanderlei Dantas, no estado do Acre, governante que mais atraiu pessoas de outras regiões do país e do mundo, segundo Souza (2005), os chamados “paulistas” ou “sulistas”, como eram denominados pelos acrianos. Em uma de suas propagandas, ele faz alusão a Canaã - a terra prometida aos Hebreus: Acre, a nova Canaã. Um Nordeste sem seca, um Sul sem geadas, invista no Acre e exporte pelo Pacífico (Santana, 1988, *apud* Cidreira, 2016, p. 87).

Saint’Clair conta, à época, que era muito comum os paranaenses, decididos a irem ao Acre, falarem “*vamos ensinar o que eles sabem e tomar o que eles têm*”.

É nessa conjuntura que se inicia o trajeto do senhor Saint’Clair Cidreira e família (entrevistado em 2006), pai, mãe e seus dois irmãos rumo ao Norte do Brasil.

⁵ Essa entrevista foi concedida ao escritor, Jefferson Cidreira, à época de 2006, e está contida, em partes, no livro, *Discurso e resistência na Amazônia acreana (1971-1981)*, publicado pela editora EDUFAC, no ano de 2016 (e-book), e em 2018, versão impressa.



Após ter saído do seu lugar e passados mais de 30 anos morando no Acre, criou e/ou construiu um relacional cultural, identitário com seu mundo circundante, um vínculo, não só pela família constituída, esposa e dois filhos, mas, também, pela casa construída, como fala Bachelard (2008), para quem a casa é vivenciada, não sendo, dessa maneira, uma caixa sem vida.

Ora, segundo Bollnow (2008), o espaço habitado é transcendente em relação ao espaço geométrico. Toma qualidades sentimentais, humanas. O espaço escolhido, prossegue o autor, é onde se faz morada já projetada no olhar recíproco, enfatizando assim um espaço sentido pelo ser, por seu corpo e mente.

Neste sentido, a re-lugarização, como o prefixo e o sufixo sugerem, é uma ação, um construto de afetividade recíproca, da pele que vai habitando o ser, e vice-versa, o revestindo e protegendo, o aconchegando, o confortando na reconstrução entre tempo, ser e espaço, isto é, do lugar, das topofilias com o novo lugar, antes estranho, pela densidade, o clima, culturas, modos de ser e viver.

É neste espaço que finalmente o corpo, ante as desterritorializações e territorializações dos agenciamentos diários, enfim pode pousar, encontrar descanso, se re-lugarizar.

A re-lugarização é, portanto, o processo, que da fuga, saídas, trânsitos e da dispersão, o processo que permite ao ser vagar, buscar, achar, viver e desaguar em um novo lugar a partir da experiência tempo-espacial, sociocultural e psicológica, reconfigurando esse novo espaço, o transformando em um (novo) lugar de pertencimento, aconchego, identidade, de lar doce lar, bem-viver.

O que mais difere da reterritorialização, neste sentido, é a demanda temporal (e sentimental), o processo que, pela história referenciada, impetra períodos para finalmente se tornar lugar, e o corpo ser realocado, re-lugarizado. Da casa, da família e vizinhança de Curitiba para o lar reconstruído, a natureza e a família no Acre. Em contrapartida, a des-lugarização, ainda em movimento de construção, vai se caracterizando como um processo de desraizamento de um lugar, de suas marcas afetivas, simbólicas, de pertencimento.

Mediante a isso, recorda-se uma das falas do senhor Saint'Clair motivada pelo convite futuro da esposa, que logo iria se aposentar, e o chama para morar em Curitiba, sua terra natal. Suas poucas palavras precedidas pelo "não!" foram



enfáticas, “*este (o Acre) é o meu lugar*”. Ora, sem dúvidas, após décadas morando na capital acriana, Rio Branco, passando por esse período tempo-espacial, o senhor Saint’Clair “re-lugarizou-se”, enfim, tornando esse o seu novo lugar.

É o tempo, em suas (des) continuidades, que permite “esquecer” alguém ou alguma coisa e, concomitantemente, abrir-se ao novo e se relacionar, se afeiçoar, contagiar-se, encantar-se, tornar uma localidade, por meio de uma relação fenomenológica com o espaço e com o outro - durante o tempo -, afinal, num lugar, numa acepção geográfica humanística.

Todavia, é válido destacar, que nem sempre poderá haver um processo de re-lugarização, uma vez que ao elo rompido, à força, topofobicamente (seja por desastres naturais, guerras, dentre outros acontecimentos) é como se o ser morresse por dentro, percesse junto ao lugar, pois ali não é somente um simplório pedaço de chão, há sentimentos, lembranças, amores, sorrisos e lágrimas, existe uma unificação entre o lugar e o ser, tornando-se um. Contudo, essa é uma discussão para outro momento, que necessita de um olhar mais atento, assim como essas tessituras, até o momento.

O que se pretende é mostrar que diante as desterritorializações, e/ou quem sabe as factíveis des-lugarizações, haverá reterritorializações que irão caminhar a um processo, um movimento até desaguar em uma re-lugarização, onde, com a (re)tomada do afeto pelo novo espaço circundante, no decorrer do tempo - que pode ser muito relativo, dependendo do psíquico de cada ser, do seu nível relacional, mostrando-se necessário esse transcorrer temporal, que é correlacional entre si, ser e espaço - para crescer ali um sentimento, uma unicidade, um pertencimento e sentido de lar, fazendo o ser ser re-lugarizado.

Parece, então, compreensível afirmar que nem toda re-lugarização advém de uma des-lugarização, tomando como analogia a assertiva deleuziana de que toda desterritorialização passa por uma reterritorialização. As simples desterritorializações estão e são passíveis de um transcurso de re-lugarização, assim como processos de des-lugarização podem desaguar numa re-lugarização (quando de fato esse tornar-se-á um, já que nem sempre poderá acontecer). Caberá ao leitor, a quem a narrativa se dirige e dele espera respostas para um



diálogo vivo, a finalidade de uma reflexão para o desenvolvimento do pensamento geo-filosófico sugerido até então, de tal modo, como assegura Bakhtin,

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro [...] a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (Bakhtin, 1995, p. 113).

Essa empreitada torna-se mais complexa e, suscetível às contradições áureas que rodeiam esse pensar, como a preposição que o lugar é cada um de nós e, dessa forma, nunca desaparece.

Esse processo/acontecimento de rupturas, apresentado aqui, liga-se, também, aos traumas e destruições alvitradas pela ambição do mundo capitalista e suas relações de poder.

Fogaça (2007) demonstra essas relações de poder na desapropriação forçada das pessoas de suas comunidades, dos seus lugares, para a construção de hidrelétricas.

Partindo do ponto de vista da desterritorialização, essas dimensões ficam presentes apenas na memória dos desterritorializados. Resta apenas a sensação de impossibilidade de reversão, ou seja, a usina será, como foi, construída e ocupou, inclusive, o espaço de propriedade psicológica que as famílias de Itá tinham sobre seu território. Não existe mais, para aqueles habitantes, uma afirmação de que Itá é dos itaenses (Fogaça, 2007, p. 3).

A citação tem uma forte referência às perdas do lugar diante as construções de hidrelétricas, mostrando um processo de extinção, aniquilamento para além do território, mas do lugar, da “propriedade psicológica” fazendo com que essa comunidade desterritorialize, dê vazão, dispersão a uma des-lugarização, isto é, dando início a um desaparecimento de sentidos e sentimentos do lugar fenomenológico.

Tal fato faz pensar e referenciar as rupturas temporais diante essas tragédias tempo-espaciais e sociais, suscitando a presença da filósofa Hannah Arendt (1906-1975) ao destacar, perante os horrores das guerras mundiais e o



advento do totalitarismo, a “perda de fundamento do mundo”, como ela destaca em sua análise sobre *o que é autoridade?*

Claro, essa ideia de propor essa analogia é apenas para aviltar como, diante de traumas, das complexidades trazidas pelas guerras, do progresso tecnológico e relações globais, o indivíduo passa a ser retirado do seu lugar e disperso no mundo à procura de um novo lugar, ensejando nele desaguar.

Pensar esse movimento de des-lugarização é pensar que nem sempre poderá haver uma re-lugarização, uma vez que esse rompimento, distanciamento, “quebras”, perda de pertencimento, de aconchego, de afetividade quase que recíproca, causa vazio, tristeza, traumas, desprezo, não aceitação pelo novo, afora à questão do tempo que se leva para alguém vivenciar o apego, pertencimento, vínculo, afetividade, uma pele que habita em si fazendo-o ressignificar a localidade - e por ela ser ressignificado - como sendo seu lugar, até se sentir novamente abraçado, fato que só se dá mediante uma re-lugarização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU APENAS OUTROS PONTOS DE PARTIDA?

Esse artigo propôs pensar sobre modos de vivenciar e enxergar as diversas realidades geográficas. Foi e é o debruçar-se sobre as vivências do senhor Saint'Clair Cidreira (e dos autores) - através da entrevista realizada no ano de 2006 -, seus trajetos e relações com o mundo e com o outro.

Além disso, essas letras trazem o desejo de ecoar até outras pessoas que tenham experimentados acontecimentos semelhantes com o intuito de ouvi-las, de provocar nelas a reflexão, de saber quais foram suas reações, semelhanças ou diferenças de sentidos, de sentimentos frente às situações cotidianas de vida e morte, de trânsitos, de topolifias e topofobias, das migrações, forçadas ou não, visto que “[...]as interpretações também são estabelecidas por diferentes prismas, em direção ao representativo/simbólico, que se situam na base da relação sujeito/signo/imagem” (Kozel, 2013, p. 59).

Sendo assim, trouxe-se, brevemente, processos (re-lugarização e des-lugarização) que devem ser pensados, questionados, mencionados, revisitados já que são experimentados, vividos e/ou enfrentados por tantos outros que têm



reações diferentes, similares ou novas, uma vez que este mundo global transforma as vidas em situações símile em espaços tão diferentes, promovendo (a)proximações, “temporalidades simultâneas” etc.

Essas são considerações que evocam outras histórias, outras vozes, outras interpretações, ou as mesmas, outros pontos de partida diante dos trajetos do ente humano em seu mundo circundante e vivido.

Assim, evocam-se necessárias as palavras do filósofo da interação, Bakhtin (1995), quando assevera que a palavra comporta esse caminho de mão dupla, onde escreve a partir - e/ou da busca - da interação, da resposta.

Nessa acepção, ao se debruçar nessas tessituras sobre um possível processo de re-lugarização e des-lugarização e seus conceitos, busca-se uma resposta, mesmo que seja contrária às ideias e escritos, com o propósito de um diálogo intenso, vívido, que levará ou ao término dessa busca, ou a novas discussões, debates, já que o discurso “[...]é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim, todo diálogo é vivo” (Bakhtin, 1993, p. 89), e essa é a intenção. Que comecem, então!

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. A Quebra entre o Passado e o Futuro. *In*: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. Ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 3. Ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

BOLLNOW, O. F. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CIDREIRA, J. H. **Discurso e resistência na Amazônia acreana (1971-1981)**. Rio Branco: EDUFAC, 2018.



CIDREIRA, S'C. (2006). Entrevista com o senhor Saint'Clair Cidreira concedida ao escritor Jefferson Cidreira *In*: CIDREIRA, J. H. **Discurso e resistência na Amazônia acreana (1971-1981)**. Rio Branco: EDUFAC, 2018.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

ENES, E. N.; BICALHO, M. G. Desterritorialização/reterritorialização: processos vivenciados por professoras de uma escola de educação especial no contexto da educação inclusiva. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 30, n. 01, p. 189-214, 2014. DOI: doi.org/10.1590/S0102-46982014000100008

FOGAÇA, J. A Desterritorialização e a Reterritorialização das famílias atingidas pela implantação da Usina Hidrelétrica de Itá oeste de Santa Catarina. *In*: II Encontro Ciências Sociais e Barragens e I Encuentro Latino-americano de Ciencias Sociales y Represas, 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: 2007, p. 1-21. Disponível em: http://www.ecsb2007.ufba.br/layout/padroazul/ecsb2007/arquivos_antiores/st7_01.pdf. Acesso em: 7 ago. 2024.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade”. *In*: Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, I, 2009, Porto Alegre. **Anais...** Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, Curso de Geografia da ULBRA e AGB-Porto Alegre, 2009.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback, 10. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

HOLZER, W. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar**: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. 1998. 235f. Tese (doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território**, Rio de Janeiro, n. 03, 1997. p. 77-85.



KOZEL, S. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. **Geograficidade**, v. 3, Número Especial, 2013, p. 58-70. DOI: doi.org/10.22409/geograficidade2013.30.a12874

MARANDOLA JR., E. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Revista Geografia**. Rio Claro, v. 37, n. 1, 2012, p. 81-94.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, L de. O Sentido de Lugar. *In*: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PICKLES, J. **Phenomenology, Science and Geography**: spatiality and the human sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

RELPH, E. **Place and placeless**. London: Pilon, 1976.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 04, n. 07, 1979, p. 01-25.

TUAN, Y-F. "Environment and World". **Professional Geographer**, v. 17, n. 5, p. 6-7, 1965.

TUAN, Y-F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012 (1980).

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

Recebido em 05 de fevereiro de 2024

Aceito em 10 de setembro de 2024